



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA

THE IMPORTANCE OF TRANSFERENCE IN THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE IN CHILDHOOD: A PSYCHOANALYTIC APPROACH

LA IMPORTANCIA DE LA TRANSFERENCIA EN LA CONSTRUCCIÓN DEL CONOCIMIENTO EN LA INFANCIA: UN ENFOQUE PSICOANALÍTICO

Graziela Pires¹, Rogério de Andrade Barros²

e4124502

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i12.4502>

PUBLICADO: 12/2023

RESUMO

O objetivo desse artigo foi investigar, à luz da psicanálise, como se dá o processo do aprender na criança a partir do entendimento do seu direcionamento ao saber. Partimos das seguintes perguntas: o que move a criança em direção ao conhecimento? Qual o papel do professor nesse percurso? Construímos uma argumentação, a partir de Freud e Lacan, sobre o impossível do educar e a transferência, bordejando ainda os conceitos de pulsão, demanda, discurso do mestre, discurso capitalista e transferência, correlacionando-os com o processo de aprendizagem infantil no contexto do ensino escolar. Concluímos que a transferência nos apresenta a saída psicanalítica frente à impossibilidade de ensinar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Discurso do Mestre. Transferência.

ABSTRACT

The aim of this article was to investigate, in the light of psychoanalysis, how the process of learning occurs in children from the understanding of their movement towards knowledge. We introduce the following questions: What moves the child toward knowledge? What is the teacher's role in this course? From Freud and Lacan, we built an argument about the impossible of educating, also bordering on the concepts of drive, demand, master's discourse, capitalist discourse and transference, correlating them with the process of child learning in the context of school education. We conclude that the theoretical phenomenon of transference presents us the psychoanalytical solution to the impossibility of teaching.

KEYWORDS: Education. Master's Speech. Transference.

RESUMEN

El objetivo de este artículo fue investigar, a la luz del psicoanálisis, cómo ocurre el proceso de aprendizaje en los niños a partir de la comprensión de su dirección hacia el conocimiento. Partimos de las siguientes preguntas: ¿qué mueve al niño hacia el conocimiento? ¿Cuál es el papel del maestro en este camino? Construimos un argumento, basado em Freud y Lacan, sobre la imposibilidad de educar y la transferencia, aun bordeando los conceptos de pulsión, demanda, discurso del amo, discurso capitalista y transferencia, correlacionándolos con el proceso de aprendizaje de los niños en el contexto de la enseñanza escolar. Concluimos que la transferencia nos presenta la salida psicoanalítica de la imposibilidad de enseñar.

PALABRAS CLAVE: Educación. Discurso Del Maestro. Transferencia.

¹ Instituto de Psicanálise da Bahia.

² Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
Graziela Pires, Rogério de Andrade Barros

INTRODUÇÃO

A reflexão para o tema deste artigo surge a partir do contato com um poema de Loris Malaguzzi (1999) que foi escrito no contexto da vivência em uma escola particular de ensino infantil e fundamental I. Malaguzzi foi um professor italiano que criou uma abordagem educativa mais tarde nomeada como “Reggio Emilia”, fazendo referência à cidade onde foi concebida. O educador compartilha sua experiência com a educação com as seguintes palavras:

A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar\ de jogar e de falar.\ Cem, sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar.\ Cem alegrias para cantar e compreender.\ Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar.\ Cem mundos para sonhar.\ A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem), mas roubaram-lhe noventa e nove.\ A escola e a cultura separam-lhe a cabeça do corpo.\ Dizem-lhe: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e de não falar.\ De compreender sem alegrias, de amar e maravilhar-se só na Páscoa e no Natal.\ Dizem-lhe: de descolorir o mundo que já existe e, de cem, \ roubaram-lhe noventa e nove.\ Dizem-lhe que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a imaginação.\ O céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas.\ Dizem-lhe: que as cem não existem. A criança diz: ao contrário.\ As cem existem (Edwards; Gandini. Forman, 1999, p. 2).

Para o professor, não somente o pensamento da criança é validado, mas legitimado são também as múltiplas linguagens da infância e a forma como elas pesquisam, produzem sentido e conhecimento. Ele estabelece, com clareza, uma relação entre a linguagem e conhecimento, havendo aí um espaço em que propomos articular a educação infantil e o conhecimento da psicanálise.

O interesse em investigar a respeito de como se aprende na infância, articulando-a ao conhecimento psicanalítico, surge a partir da experiência de orientação pedagógica em uma escola particular de Salvador com foco na educação infantil e fundamental. Observar as crianças nos espaços livres, organizadas por ciclos de aprendizagem e tendo como motor desse processo a sua curiosidade investigativa, desperta no pesquisador, também criança viva, a curiosidade em descobrir o que se apreende livre da autoridade de um “suposto saber” culturalmente demarcado e defendido pelas pedagogias predominantes, consolidado no lugar do mestre professor.

A partir dessa interrogação, que surge da experiência com a educação, pautada no pressuposto de que há processos de construção de saber que não se constituem sob a égide da autoridade, nos interessa saber como a psicanálise de orientação lacaniana aborda o tema da aprendizagem. Dessa pergunta geral, estabelecemos questões mais específicas, tais quais: o que nos move em direção ao saber? Qual a função do professor? Como o desejo do saber se manifesta? Qual a importância da transferência para a construção de saber? O que os discursos do mestre e do capitalismo, propostos por Lacan (1969-1970/1992), nos esclarecem sobre o lugar do Outro na construção do saber?

É neste universo investigativo que fazemos a pergunta de pesquisa que orienta esse estudo: no contexto em que vivemos, qual a importância da relação transferencial entre professor/mestre e alunos, para que se estabeleça um saber possível, já que sabemos com Freud (1937/1996) que a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
Graziela Pires, Rogério de Andrade Barros

educação é um ofício impossível? Dessa forma, a nossa pergunta de pesquisa nos direciona ao desejo de saber sobre o lugar de autoridade do mestre numa educação, cujo papel do professor tem sido crescentemente questionado.

Será discutido neste artigo, a partir de Freud e Lacan, o as etapas do aprender considerando o sujeito e suas dimensões transferenciais no processo da educação. Partimos do pressuposto que, a educação, exerce seu poder através da palavra (Kupfer, 2001). Seu discurso é dirigido à consciência e tenta encaminhar os indivíduos no mesmo sentido por ela determinado. Da palavra, extrai seu poder de convencimento e de submissão do ouvinte a ela. No entanto, a realidade do inconsciente ensina que a palavra escapa ao falante. Por escapar à linguagem, retorna para nós, a questão pulsional que está também em jogo no ato de educar. Sob essa perspectiva, nossa análise circula entre dois vetores: desejo de saber e pulsão epistemofílica; laço social e transferência.

APRENDIZAGEM: PULSÃO E DESEJO

Com o amadurecimento teórico e prático das técnicas psicanalíticas, Freud (1905/1996) constatou que as marcas fundantes da estrutura psíquica se constituíam na infância diante da relação que a criança estabelecia com os afetos e as contingências vividas junto a seus pais e familiares. Foi diante desta perspectiva, que ele (Freud, 1905/1996; 1908/1996) abordou a sexualidade infantil como fundante da organização psíquica. Dessa forma, colocou as crianças como seres ávidos por conhecimento, imersos em uma lógica inconsciente e subjetiva de natureza epistemofílica, associada a padrões vinculares primitivos presentes em sua essência.

A pulsão epistemofílica é apresentada por Freud (1905/1996) em *Três ensaios para uma teoria sexual* nesse artigo, ele desmistifica a crença vigente sobre a não existência da sexualidade infantil e dilui a diferenciação rigorosa estabelecida naquilo que era considerado normal e patológico. A sexualidade deixa de ser algo que eclode somente na puberdade, tendo como fim “normal” a reprodução biológica. Freud diferencia instinto (*Instinkt*) e pulsão (*Trieb*), em que compreende o instinto como uma energia essencialmente vinculada ao corpo biológico, movida pela necessidade orgânica e cujo alvo são objetos específicos e predeterminados. Pulsão, como orienta Freud, é a energia que se situa entre o psíquico e o somático, movida ou impulsionada pela marca psíquica deixada pela primeira vivência de satisfação e cujos objetos não são previamente determinados, sendo dos mais variados tipos e qualidades. Destacamos, assim, que o interesse pelo mundo, o investimento pulsional para os objetos externos, surge do deslocamento da pulsão sexual para a pulsão de saber.

É, portanto, a partir deste movimento infantil ao redor da investigação sobre o seu lugar no mundo, primordialmente em direção seus pais, que a estruturação psíquica vai se constituindo. Basta lembrarmos de uma criança pequena que logo virá a nossa mente sua imensa curiosidade e as milhares de perguntas que costuma fazer sobre os mínimos detalhes de tudo o que vê ou ouve à sua volta. Logo, a ouvimos dizer: “O que é isso? Por que isso acontece desse jeito? E se fosse de um outro jeito?”. As perguntas se desenrolam rapidamente, como em um jogo de cama de gato,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
Graziela Pires, Rogério de Andrade Barros

deixando marcas no barbante, mas com a possibilidade de muitas invenções e possibilidades no percurso. Dessa maneira, as perguntas sobre sua própria origem estão na base das investigações infantis, sustentando a posição de ser desejante de saber sobre si e, por consequência, do que esta ao redor da criança. É essa a perspectiva freudiana.

Freud (1910/1996), em seu estudo sobre os possíveis destinos do desejo de saber nos sujeitos aborda a importância da pulsão escópica. Ele sinaliza que é o desejo de ver o corpo nu da mãe que pode gerar, no sujeito, a pulsão epistemofílica, ou de saber. Aponta, nesse momento, três destinos para a pulsão de saber. No primeiro caso é a inibição neurótica, quando a investigação empreendida pelo sujeito participa do destino da sexualidade e o desejo de saber permanece inibido, tendo por consequência que a liberdade da atividade intelectual fica limitada. No segundo caso, a atividade intelectual escapa ao recalque e a pesquisa realizada pelo sujeito permanece ligada à busca inicial de sua investigação sobre a origem dos bebês, visando encontrar compulsivamente o gozo dessas primeiras investigações. Por fim, no terceiro caso, a pulsão de saber escapa à inibição do pensamento neurótico compulsivo, a atividade sexual é recalçada, sendo sublimada em desejo de saber. Desse modo, inibição, compulsão e sublimação são, para Freud, os três destinos da pulsão de saber.

Lacan (1958/2016), em: *o desejo e sua interpretação*, formaliza nesse momento o desejo, desarticulando-o da relação de vontade. Em Lacan, o desejo não tem ligação com o instinto, necessidade fisiológica, portanto, não é algo de origem inata, que trabalharia para a autopreservação da espécie, assim como para Freud (1905/1996). Durante o processo histórico da humanidade, vivenciamos a tentativa de educar e regular o desejo, mostrar-lhe caminhos adequados, mas, notadamente, em vão. O desejo extravai-se, corre por um caminho labiríntico, não seguindo a direção da sobrevivência, do orgânico. Ele é um fato de cultura, um efeito simbólico, e, assim, se distancia da ideia de necessidade ou, apenas, de demanda.

O desejo só é concebido pela psicanálise em seres falantes, que se constituem a partir do Outro da linguagem. Fora dela, há processos automáticos e instintivos, da ordem da pura necessidade. As palavras cercam o sujeito de cuidado e são parte fundante de nosso circuito pulsional, de nossa mobilização.

Assim, quando nasce, a criança não pode se satisfazer sozinha, ela precisa de um Outro (mãe, pai, avó, babá, aquele que assume a função de acolhimento), que cuide de todas as suas necessidades e, a partir da linguagem, lhe enderece demandas. É válido destacar que o grande Outro (A) é um conceito lacaniano que representa o lugar da palavra que nos determina, sendo os outros (com o minúsculo) as pessoas com as quais nos relacionamos em nosso cotidiano, nos identificamos e nos confundimos imaginariamente. A necessidade de fazer essa distinção ocorre pela constatação do Outro, como lugar da palavra, possui uma autonomia que faz com que ele não possa ser reduzido ao que os pequenos outros enunciam. Essa independência da linguagem, na determinação do sujeito, é certamente uma das grandes marcas da teoria lacaniana.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
Graziela Pires, Rogério de Andrade Barros

A criança costuma ter apetite de todas as investidas envolvidas no processo de aquisição da linguagem que ocorrem no encontro com ele. Ele chora e o Outro, tesouro dos significantes, está pronto para acolher e como em um canto de sereia, fala para ele palavras que o atravessam, construindo pontes entre as suas necessidades e o campo da linguagem. Esse investimento do Outro para com o *infans* faz do Outro um objeto de amor. Nesse jogo de linguagem, o que era apelo de necessidade (fome, sono, higiene, desconforto) transpõe-se como demanda, produzindo uma diferença onde se acomoda o desejo. Assim, aponta Lacan:

É nesse intervalo, nessa hiância que se situa a experiência do desejo. Ela é inicialmente apreendida como sendo a do desejo do Outro, e é dentro dela que o sujeito tem de situar seu próprio desejo, o qual não pode situar-se em outro espaço que não esse (Lacan, 1958/2016, p. 26).

O desejo reside nesse espaço intermediário, um intervalo de expressão que indica a cena inconsciente, localizado no jogo de esconder-se. É nessa brincadeira que o desejo se entretém, recusando-se a se revelar por completo, mas sugerindo uma lacuna, uma ausência, uma diferença. O desejo só se estabelece a partir da constituição do sujeito da falta. Seu objeto não é encontrado na realidade comum, natural ou social. Ao contrário da necessidade, que encontra satisfação em um objeto específico da realidade, e da demanda, que é sempre uma expressão situada no campo da palavra e da linguagem dirigida ao outro, o objeto do desejo não é essencial, pois a demanda articulada pelo sujeito falante é, no fundo, uma demanda por amor.

Frente ao indizível do desejo, Lacan (1958/2016) explora a representação desse objeto por meio da fantasia individual, que desempenha a função de acolher o desejo durante a interação do sujeito falante com o outro imaginário. Dessa maneira, busca-se uma conciliação entre o imaginário e o simbólico. Durante a relação com o outro, o sujeito utiliza a linguagem, e ao dominar a fala e a interação com o Outro, percebe a ausência de um significante. Da completude e consistência do outro imaginário ao vazio do Outro, um espaço simbólico, surge uma falta que requer um significante para articular o ser do sujeito. Permanece uma lacuna, um vazio, onde o obscuro objeto do desejo encontrará seu lugar.

Lacan diz: “o desejo é a metonímia¹ do ser no sujeito, o falo é a metonímia do sujeito no ser” (1958/2016, p. 32). Desta forma, ele desenvolve o fato de que, ao pensarmos o falo como o significante subtraído da cadeia da fala, quando o sujeito se encontra implicado nesta fala, a falta significante fica exposta, advindo o ponto do complexo de castração. Assim, desejar se conjuga com a castração e, sob o seu mandato, se exercita o recalque primário, que enuncia a constituição do sujeito na palavra. O recalque primário funda o sujeito assujeitado ao desejo inconsciente. Foi especificamente disso que Freud falou até 1915, em seus artigos *O Inconsciente* e *Repressão*.

¹ Figura de linguagem em que um objeto é designado por uma palavra que se refere a outro, por existir uma relação entre os dois. Quando se “acende a luz”, na verdade, se aperta um botão, fechando um circuito elétrico e produzindo luz. Mas se dá o nome do efeito à causa.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
Graziela Pires, Rogério de Andrade Barros

Então, nos perguntamos: se a instância do desejo é o da falta e do inominável, como se constitui sua relação com o objeto? Para responder a essa questão, convocamos as palavras de Miller:

a relação do sujeito do conhecimento com o objeto do conhecimento é tradicionalmente descrita como harmoniosa e complementar. No registro do desejo, a relação do sujeito com o objeto é completamente diferente. Lacan mostra que o aparecimento do objeto do desejo se marca, do lado do sujeito, por um fading: o sujeito não consegue se manter, ele evapora, desaparece. É nisso que ele passa ao inconsciente (Miller, 2013, p.3, grifo do autor).

Podemos afirmar que o desejo surge como a falta de um objeto que proporcionaria completude, sendo esse objeto permanentemente perdido. Essa ausência é estrutural e constitutiva do sujeito desejante. O que Lacan (1958-1959/2016) chama de fantasia é a representação desse objeto perdido, associado ao desejo, e que é fragmentado metonimicamente em objetos substitutos. Esses objetos não apenas causam, mas também sustentam o desejo. Lacan (1956-1957/1995) identifica esse objeto como "objeto a", que pode se manifestar como objeto oral, anal, escópico, fálico, ou outros substitutos, todos integrantes do universo da fantasia.

Nesse momento do ensino de Lacan (1958-1959/2016), o sujeito do desejo está em um posicionamento radical, em relação a privação do objeto, já que há uma confluência entre o objeto *a* e o falo. O sujeito do desejo aí se apresenta quando o sujeito do significante passa a se relacionar com uma falta no saber. O desejo surge porque o sujeito se encontra diante de uma dívida em relação ao Outro. Esta dívida é simbólica e não possui um valor passível de ser quitado na realidade material, contudo, gera efeitos psíquicos.

É viável, portanto, considerar o sujeito no lugar de ensinante, sendo o Outro da linguagem que ostenta, supostamente, um conhecimento sobre o objeto perdido, e como aprendiz, o que determinará a circulação ou não do conhecimento. Assim que o aluno conseguir reinterpretar a perda do objeto imaginário, substituindo-o por objetos integrados à cultura, objetos simbólicos que não pertencem a ninguém em particular, ele compreenderá que, por serem dessa natureza, podem ser possuídos ou não, mantidos e perdidos. Isso implica na formação de uma cadeia significante, com inúmeras possibilidades de sentido relacionadas à sua experiência pessoal da castração.

O saber, aqui colocado, se refere a uma elaboração de ordem pessoal e singular, algo tecido pelas vivências psíquicas dos sujeitos. É um saber do mais profundo de si, por estar encoberto pela teia da linguagem e que, justo por isso, poderá aparecer sempre que a implicação do sujeito for inquietada. Esse saber inconsciente determina o nosso modo de lidar, no cotidiano, com as nossas relações e ações. É um saber não sabido de forma consciente, uma relação de ignorância e ambivalência.

Articulamos, enfim, a aprendizagem à pulsão e ao desejo da seguinte forma: o desejo de saber é tributário do desejo inconsciente, ou seja, esse saber "não-sabido" que é tributário da exigência pulsional na busca de um objeto que o contemple. Assim, o desejo de saber do sujeito marca a sua singularidade e o faz transitar no mundo de escolhas e demandas.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
Graziela Pires, Rogério de Andrade Barros

DEMANDA, DESEJO, OBJETO DO SABER

O desejo manifesta-se no intervalo aberto pela demanda diante da cadeia significante revelada pelo sujeito, que traz o apelo da falta-a-ser em receber algo que lhe obture. O grande outro é colocado nessa posição de preencher aquilo que ele expressamente não tem, pois há nele, também, sua falta. Assim, Lacan nos diz:

[...] toda demanda evoca para além da necessidade que nela se articula, e é disso mesmo que o sujeito fica tão mais propriamente privado quanto mais a necessidade articulada na demanda é satisfeita. Mais ainda, a satisfação da necessidade só aparece aí como engodo em que a demanda de amor é esmagada, remetendo o sujeito ao sono em que ele frequenta os limbos do ser, deixando que este fale nele (Lacan, 1958/1988, p. 633-634).

Lacan (1958-1998) situa o desejo para além da demanda, porque o Outro não pode satisfazê-la totalmente. O desejo está para a demanda como um fluxo abundante, uma canalização para a linguagem, um “desfile” do discurso. Quanto mais objetos tentam saciar a sede das demandas, mais demandas serão geradas, porque sempre haverá, na tentativa de completude, um ruído, uma fenda que não consegue tamponar o buraco da falta. Em Lacan (1958/1998), o desejo encontra-se aquém da demanda, todo o tempo apontando para sua radical falta de ser. Assim, uma dialética se instaura: a demanda invade e subtrai o desejo, mas, incapaz de completá-lo, o faz renascer a cada instante mais urgente.

É com esses efeitos da demanda que podemos instaurar o lugar do desejo. Ele sempre se deixa desvelar na demanda, mesmo que só por representação, visto que o desejo em si não é possível capturar. Enquanto a fala não consegue responder à primeira demanda, reduplica a sua marca, consumando a fenda (*spaltung*) suportada pelo sujeito que fala.

A demanda é da ordem da linguagem e é convocada pelo psíquico pulsional. A pulsão primitiva do sujeito o convoca a ser tudo para sua mãe até que ocorre a entrada de um terceiro, a chegada do pai. Ao ser interditado pelo pai, que dificulta a identificação do sujeito somente com a sua mãe, o sujeito pode se ver como ser que falta, não se sentindo mais completo e sem possibilidade de completar a mãe. Percebe, então, que, assim como ele, sua mãe também precisa de um objeto para complementá-la, porque é faltante. Dessa forma, ao ser recalcada, posta em posição desconhecida, o objeto da pulsão é trocado por um símbolo, por linguagem, precisamente pela demanda. O sujeito implica-se no discurso e demanda conhecer ou possuir os objetos. Entretanto, as demandas são sempre insatisfeitas, nunca se completam e remetem aos desejos sempre recalçados, tecendo, assim, entre si, um enlaçamento de associações significantes.

Assim como o desejo se forma no domínio simbólico-discursivo do Outro, mediante o reconhecimento da ausência e da perda, a conexão entre o sujeito desejante e a obtenção do conhecimento está intrinsecamente ligada à sua posição diante da castração. Para enlaçar a formação discursiva aqui argumentada, é necessário fazer uma breve conceituação sobre os três tempos do Édipo, a partir da visão lacaniana.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
Graziela Pires, Rogério de Andrade Barros

De acordo com Lacan (1958/1998), o Édipo é responsável por estruturar a edificação da lógica significante, viabilizando o ingresso da criança na posição de sujeito desejante. Esse processo se desencadeia por meio da inscrição nas instâncias do imaginário, do simbólico e do real, que se tornam operacionais em virtude da relação do sujeito com o falo e a castração.

O início do Édipo marca o momento em que a criança se identifica com o objeto que se presume preencher a falta no Outro materno, formando-se como seu falo imaginário. Nesse momento, a relação mãe²-criança não tem a mediação de um terceiro, o que funda a posição imaginária da identificação fálica. Assim, imaginariamente, a criança constrói, de maneira primordial, a instância do Eu Ideal no plano imaginário, onde a função e o valor são predominantemente narcísicos, dando origem a uma experiência psíquica de suposta completude e perfeição. Nesse contexto, emerge a dialética do ser, em que a criança vivencia a sensação de ser o falo e de que a mãe o possui.

O segundo estágio se inicia com a intervenção do pai. Este terceiro elemento, penetra na relação que até esse momento funcionava na díade mãe e criança, introduzindo duas formas de interdição: a privação e a frustração. A criança experimenta a frustração ao perceber que a mãe direciona seu desejo a outro, o pai. A função paterna despoja a criança de sua certeza imaginária do falo, ao mesmo tempo em que priva a mãe do suposto objeto de seu desejo: o falo que representa a criança. Surge, assim, a rivalidade fálica da criança com o pai, levando-a a confrontar-se com a Lei. Uma vez que o desejo da mãe ultrapassa a dualidade mãe-criança, ela presume que o pai detém o falo. Lacan apresenta, neste segundo estágio, a dialética de possuir ou não possuir o falo. A criança é então confrontada com a compreensão de que não é o falo e que também não o possui, assim como sua mãe. Essa transição do ser ao ter é crucial para a ocorrência da castração simbólica, que se completa no terceiro momento do Édipo.

No terceiro e último estágio, ocorre a inscrição da castração simbólica na criança. Nesse momento, torna-se possível a marcação psíquica do reconhecimento da castração tanto da mãe quanto do pai, ou de qualquer outro sujeito. A criança passa a reconhecer a falta no Outro. Essa compreensão é viabilizada pela metáfora paterna, em que o pai assume a função simbólica representando a lei e a regulação cultural. Isso possibilita a incorporação do falo na cultura, tornando-se um significante da falta por meio da significação fálica, que é indicada pela substituição simbólica, na qual o desejo da mãe é substituído pelo Nome-do-Pai. Em relação à castração, conforme Lacan (1958/1998), o objeto é imaginário (o falo), enquanto a falta é simbólica. Dessa forma, na realidade psíquica, ocorre a inscrição de uma dívida simbólica associada à falta simbólica.

A relação imaginária é, uma relação dual, onde tu e eu são, muitas vezes, confundidos. Lacan (1953/1998) fala da necessidade de imposição de um terceiro termo, nessa relação, determinando cada um dos termos, ordenando-os e distinguindo-os. É a dimensão da simbolização

² Em psicanálise, quando falamos mãe ou pai, estamos falando de uma função, a função materna ou paterna; nem sempre estas são realizadas, de fato, pelo pai ou mãe, mas de quem se coloca nesta função, nesta posição. Então, toda vez que você ler os termos mãe e pai, lembre-se de que estamos falando de função e não da pessoa física.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
Graziela Pires, Rogério de Andrade Barros

que faz essa passagem da relação entre dois (mãe-filho) para a relação com a entrada de um terceiro. A constituição do sujeito ocorre por meio do acesso à linguagem, quando este se depara com o registro simbólico. O mundo do simbólico é, por excelência, o lugar do sujeito. Por isso, podemos dizer que o inconsciente é o discurso do Outro, sendo esse não o outro que se evidencia na imagem especular, mas o Outro, como alteridade absoluta, representante da linguagem.

A partir dos tempos do Édipo, vemos a formação de um sujeito de falta-a-ser constituído pelas suas relações imaginárias e simbólicas. A criança é um objeto preso à economia libidinal dos pais, já que as pulsões, os fantasmas e os desejos deles são direcionados para ela. É a partir da demanda feita por seus pais que a criança começa a se questionar quanto ao desejo do Outro, pois percebe que há algo a mais por trás dos comandos “coma”, “tome banho”, “estude”. O amor que se introduz com a castração. Caso a criança permaneça voltada para a tentativa de satisfação, demandando, sem consentir com a falta, ficará alienada, permanecendo como objeto do Outro, sem advir como sujeito desejante. Essa condição é diferente de quando a criança passa a demandar, nos demonstrando que está submetida à castração que aponta objetos culturais como forma de enlaçar a trama da falta fundamental do seu desejo, sua mais essencial verdade.

Quando a demanda do Outro é “Aprenda!”, a posição passiva de corresponder como objeto alienado ao apelo pode não ser suficiente para aquelas crianças que fizeram um percurso inconsciente pela via da inscrição de uma dívida simbólica. Nesses casos, como sujeitos de desejo, a exigência de se posicionar de maneira ativa diante do saber de si e da vontade de conhecer pode advir. Para responder à demanda do Outro, sendo ele o professor ou a escola, o sujeito precisa se posicionar como sujeito de desejo, sujeito de falta que busca objetos para tentar apagá-la. Em última análise, a consecução do êxito na escola é uma responsabilidade que recai sobre ele mesmo, envolvendo a atribuição de uma posição fálica ao próprio sucesso, transformando-o em um objeto que simboliza a ausência, suscitando o desejo. O aprendizado está alinhado ao fato de que o sujeito, ao permitir que o falo, enquanto significante do que falta, adquira diferentes significados, possa ser substituído por outros objetos culturais que representem a falta e tentem ocultá-la.

Assim, podemos considerar que a dinâmica que delinea a aquisição do conhecimento escolar pela criança pode ser compreendida através da transferência estabelecida entre professor e aluno. Isso permite revisitar os afetos e mobilizar a formação psíquica em direção ao objeto de conhecimento como um entendimento do Outro, integrado na linguagem e na cultura. No entanto, conforme aprendemos com Freud (1917), o objeto está irremediavelmente perdido. A falta de garantia desse encontro sublinha a "impossibilidade" inerente à educação, assim como a impossibilidade radical de concretização do desejo.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
Graziela Pires, Rogério de Andrade Barros

SUJEITO DO DESEJO, CONHECIMENTO ESCOLAR E DISCURSOS CAPITALISTA

Charlot (2010) nos lembra que o sujeito³ nasce em um mundo que lhe proporciona um patrimônio, um conhecimento. Na educação, o sujeito pode se apropriar desse patrimônio e é assim que a criação do homem se torna humana. A principal característica do ser humano não fica envelopada dentro de cada indivíduo: é no laço com o outro que o sujeito é tecido; é no discurso que o sujeito pode ser reconhecido pelo Outro, tornando-se um sujeito desejante.

A educação é um processo de humanização, socialização e subjetivação (*Ibid.*). Assim, torna-se de extrema relevância que a pesquisa em educação coloque no centro de suas considerações o sujeito no laço social, o sujeito desejante que aparece a partir da sua interação com o Outro da linguagem. A Educação, como campo do saber, aponta para o homem voltado para a aprendizagem, sendo o aprender parte do processo cultural humano. Se pensarmos que a relação pedagógica está contida na relação humana, aprender é muito mais possível pelo laço que se estabelece do que pelo conhecimento que temos e transmitimos ao outro.

Para o sujeito aprender, é preciso que ele demande saber, não adiantando que outros demandem por ele. Só estuda quem vê sentido no que está fazendo, pois é preciso que o desejo esteja enlaçado aos fios da constituição subjetiva do aluno para que ele possa se posicionar diante das relações estabelecidas em sala de aula. Se o estudo não desperta interesse no aluno, é provável que os objetos de conhecimento a sua frente não possuam o brilho que perpassa a via do desejo desse sujeito. O desejo é um fato de cultura, mais exatamente, um efeito do simbólico. De acordo com Miller. Esse apelo faz do Outro um objeto de amor. Simultaneamente, a transposição da necessidade em demanda produz uma decalagem: é aqui que se aloja o desejo. Ele corre sob tudo o que você diz, inclusive nos seus sonhos, sem poder ser dito às claras. Por essa razão, ele dá matéria à interpretação (Miller, 2013, p. 2).

A escola se estabeleceu como o lugar onde a transmissão de informação acontece, e assim a construção de conhecimento pode acontecer para o sujeito. Alguns alunos, apesar de continuarem indo à escola, parecem não conseguir fazer uma conexão com o discurso mantido pela escola, por isso, Charlot (2014) vai questionar se o problema estaria no sujeito ou no fazer da escola, e, ainda, poderíamos acrescentar, nas políticas públicas educacionais. As políticas públicas educacionais regem os discursos que embasam os professores em sua prática. A forma como cada professor capta e se posiciona diante desses pressupostos que regem o seu fazer profissional é a bússola que o orienta na transmissão das suas aulas.

Seria leviano pensarmos que a questão deve ser vista apenas pelo lado dos métodos e das técnicas educativas. Se assim fizéssemos, estaríamos dizendo que o aprendiz não é um sujeito que deseja e demanda, estando ele apenas a serviço dos métodos ditados pelo professor. Nessa perspectiva, é importante entender como a questão pedagógica aquece o processo do ensinar e aprender nas escolas, como o currículo apresentado subjuga o lugar do aprendiz e uniformiza seu

³ Tanto para a psicanálise como para a educação, o termo sujeito é oposto à concepção psicológica de pessoa. O sujeito não é o simples agente da ação. É o sujeito do desejo constituído com base nos efeitos do discurso, o ser humano submetido às leis da linguagem.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

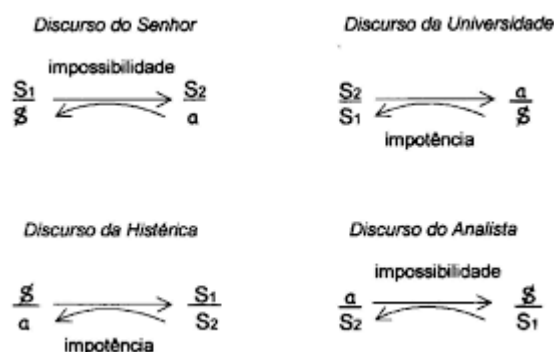
A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
Graziela Pires, Rogério de Andrade Barros

pensar e agir, e como a escuta desse sujeito que entra na sala de aula com tantas metas a cumprir pode se mostrar relevante.

Sobre isso, Laurent (2008) nos fala que, se ficarmos atentos a fala de quem avalia, poderemos notar um desejo de alinhamento em série dos sujeitos avaliados, o que é importante para pensar o estabelecimento de novos obstáculos no processo educativo. Nos interessa compreender o conceito de discurso e a maneira pela qual os discursos se estruturam por meio das conexões que estabelecem entre educação, ciência, educando e educador. Essas relações são dirigidas a um outro entre os discursos.

Lacan (1969-1970) destaca o discurso como a maneira pela qual o sujeito se relaciona com o Outro na sociedade. Ele argumenta que o inconsciente é organizado como uma linguagem, manifestando-se sob a forma de discurso. Freud (1930) antecede essa ideia quando em *Mal-estar na civilização* e no *Prefácio de Aichorn* (1925) abre questões sobre educar, psicanalisar e governar. Lacan, então, vai nos falar que há uma quarta forma das pessoas se relacionarem, pelo discurso (Figura 1). E, da mesma maneira, Freud, coloca os quatro discursos como impossibilidades.

Figura 1. Os quatro discursos de Lacan



Fonte: O seminário Livro 17 (Lacan, 1969-1970).

Lacan indica uma modificação no discurso do mestre, assumindo uma "estilização capital" (Lacan, 1969-1970, p.160). Em 1972, ele introduz um novo símbolo para descrever a singularidade do Discurso do Capitalista. Em suas próprias palavras, isso envolve:

Uma pequenina inversão... é suficiente para que funcione sem encontrar nenhum obstáculo, não pode funcionar melhor, mas justamente funciona rápido demais, isso se consome, isso se consome tão bem que isso se gasta (Lacan, 1972, p. 8).

Destacaremos o discurso do Mestre e o discurso mutante do Capitalista, uma vez que temos particular interesse em examinar a transferência em um período em que as figuras de maestria estão em declínio.

Dentro do discurso do Mestre, o agente S1 representa o mestre, ou seja, o significante mestre, assumindo o papel de agente que ativa o S2, uma série de significantes, dando origem ao campo do Outro. O S2 é definido como o "escravo", quem é agenciado pelo mestre, porém também é



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
Graziela Pires, Rogério de Andrade Barros

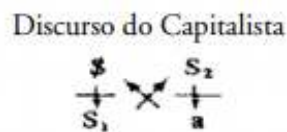
quem detém o saber. O objeto pequeno *a* passa a ser, então, o produto, o resultado do laço. (Lacan, 1969-1970/1992). Neste contexto, o sujeito permanece alienado ao Outro como parte do processo de subjetivação, confiando no Mestre como detentor de conhecimento sobre si mesmo. Na posição de Mestre, é o Outro que regula seu prazer, pois sabe como proporcioná-lo. Assim, o Senhor - seja o professor, governante, pai, mãe, entre outros - está interligado ao escravo - aluno, filho etc. - conforme delineado por Lacan (1969-1970/1992).

Observa-se que, no discurso do Mestre, o agente age como o Outro para o agenciado, embora o próprio Mestre reconheça a impossibilidade de conhecer tudo. Assim, o resultado desse Outro barrado em relação ao outro é a condição de estar limitado pela falta, pela castração. Essa posição de saber é caracterizada por um inevitável fracasso. O mestre é, por natureza, castrado e, conseqüentemente, recorre ao Outro solicitando algo que não possui. Nesse contexto, é o Outro quem detém o conhecimento sobre como satisfazer o mestre.

Neste contexto, Lacan (1969-1970/1992) destaca que é no vazio que ocorre o ato educativo. O educador, mesmo que sujeito a restrições, desempenha o papel de mestre, representando a instituição e sendo autorizado e investido pela família para cumprir essa função junto aos alunos. Espera-se dele a habilidade de orientar o outro para que saiba o que fazer. Tanto na instância do agente-educador quanto na do aluno-outro, há um conhecimento que se origina da impossibilidade de conhecer tudo.

Lacan (1972), na *Conferência de Milão*, nos apresenta a inversão do discurso do Mestre S1 como agente e o S barrado no lugar da verdade. O discurso do capitalista se apresenta no sentido oposto dos outros quatro discursos (Figura 2). Aqui, não há giro, aspecto importante na formação do laço social.

Figura 2. O discurso capitalista



Fonte: Conferências de Milão (Lacan, 1972)

A reorganização das variáveis S barrado e S1, assumindo as funções de agente e verdade, respectivamente, em uma disposição descendente, caracteriza o discurso do Capitalista na visão de Lacan. Nesse discurso, o sujeito determina sua própria verdade e indica uma recusa em aceitar a castração. Isso resulta em duas implicações principais: a substituição do fracasso e do impossível por meio de dispositivos tecnológicos, seguida pela ausência do sujeito como enunciado, gerando uma resistência à dimensão da impossibilidade estrutural (Lacan, 1969-70/1992). A produção de objetos sem uma base de ausência subverte o conceito do objeto "a" como causa do desejo, ao mesmo



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
Graziela Pires, Rogério de Andrade Barros

tempo em que coloca o dispositivo tecnológico como uma necessidade e fonte de deslumbramento, associado à promessa de satisfação total.

O consumo com agente entre o sujeito e o laço e a produção de conhecimento cria uma dimensão para o lugar de ambos. Adquirir conhecimento sai do lado da construção de saber e passa a agir como ferramenta na competição pelo mercado.

Distinto da organização dos outros discursos onde há a formação do laço social, no lugar onde há ausência de relação, ao dar a cada um o seu lugar organizando uma relação entre corpos e indivíduos, o discurso capitalista, conseqüente do mestre, não constrói nenhum dos demais. Ele favorece o espaço do mais-de-gozar – correspondente da mais-valia, causa do desejo legítimo a todos.

Uma saída possível para o discurso capitalista, a partir do olhar da psicanálise, começa por devolver a condição da castração. É posto um limite ao gozo, gerando seus impasses e a não relação que o consumo desenfreado de toda natureza, não dá conta. Ao conduzir o sujeito à sua singularidade do gozo, fixado ao seu sintoma, que nada diz ao discurso capitalista, que se ocupa em produzir mais-de-gozar para todos, a análise antepara o instável e o precário do modo de gozo.

A psicanálise torna possível uma resistência a partir da produção de um saber sobre as coisas do amor, foracuídas deste discurso (Lacan, 1974/2003). O discurso do capitalista visa tamponar a falta, alimentando-se do semblante de que é capaz de realizar isto e, inclusive, de realizar a fantasia. Deste modo, produzem-se bens de consumo (*gadgets*) que visa ocupar o lugar de objeto (a) e se colocam como hipótese de satisfação. Pela oferta contínua e sempre renovada, fabrica-se a ideia de que um objeto pode sempre ser melhor e mais satisfatório que o anterior, abastecendo igualmente as normas do capital. Assim, no discurso do capitalista, presenciamos a super valoração do objeto, fazendo com que os sujeitos submetidos a ele convivam com diversas tentativas de estabelecer uma complementaridade entre sujeito e objeto. Objeto brilhante é produzido para que, ao usá-lo, se instale um encadeamento em série.

Conforme apontamos e, em concordância com Freud (1923), o entendimento do conhecimento se constrói, sobretudo, nos obstáculos do processo pulsional. Isso se processa tanto na criança que, impossibilitado de satisfazer-se plenamente com a alucinação do seio, primeiro procedimento com o qual tenta dar contido aumento de tensão no aparelho psíquico, inicia sua pesquisa da realidade, como no jovem que, preocupado com os riscos da chegada de um rival, inicia sua teorização sobre a relação sexual. É no instante em que a falta se apresenta, siderante e sinérgica ao sujeito, que a tentativa de conhecer se engendra.

Da falta, o sujeito se move a procura de conhecimento, que se orienta pela via do saber sobre um objeto que satisfaz a sua pulsão epistemofílica, uma substituição da pulsão sexual. A informação pode ser encontrada na escola, na televisão, na mídia, no celular, mas a construção de conhecimento é em função de um movimento pulsional do sujeito. A partir da *cybercultura*, qualidade e quantidade ganham novos contornos e medidas, sendo o excesso o significante que enoda a trama. Não é preciso esforço para nos conectarmos a um tanto de palavras, apesar delas não



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
Graziela Pires, Rogério de Andrade Barros

necessariamente virarem de fato construção de conhecimento, fazendo parte do nosso processo pulsional desejante.

Atualmente, verificamos que a lei do significante, a construção simbólica, tem se estabelecido de maneira frouxa e, assim, não parece conseguir fazer barreira ao imperativo de gozo do capitalismo neoliberal (Lacan, 1969-1970). Os pilares do sistema capitalista subvertem a lógica da singularidade e da diferença, pois se apoiam no imperativo do consumo de objetos.

Se um objeto cultural é introduzido como parte da construção de conhecimento de um aluno-sujeito, isso quer dizer que um Outro estabeleceu para este aluno uma relação significativa, com determinado objeto, demonstrando a ele algo além da informação. Interpôs-se, aí, uma relação em que a falta apareceu e desnudou o desejo através do desejo do Outro. O professor, em sua arte de mostrar o que encanta a si mesmo, no conteúdo que está a desnudar, desvela a magia e irradia a energia do olhar daqueles alunos que se colocam a participar do movimento.

Com tantos objetos brilhantes e com tantos atrativos nos objetos, que não cessam de aparecer, por vezes uma fala, um gesto, um silêncio voltado para o aluno faz diferença, em sua construção de saber. Marca-se, assim, uma falta que, se sustentada por ambos, professor-aluno, pode tramar uma constitutiva relação de transferência entre aluno-sujeito e o professor, a quem se supõe saber. Como sujeitos de linguagem, se deparar com o Outro tende a fazer marcas e a escola é um dos espaços mais prováveis disso acontecer.

A TRANSFERÊNCIA COMO PIVÔ DO SABER

No seminário sobre a transferência, Lacan (1992) nos mostra o instante em que Alcibíades avalia encontrar em Sócrates, um objeto precioso, tesouro e impossível de definir que firma seu propósito, mas isso acontece apenas após a manifestação do seu desejo. O mesmo acontece com o analisando que avalia ter encontrado em seu analista a mesma preciosidade, mas isso só se apresenta por ter fígado seu desejo.

Lacan (*Ibid.*) nos diz que o pivô da transferência se localiza no Sujeito Suposto Saber (SSS). Mas, qual a sua função? No seminário XI, Lacan (1964/1992) indica a posição do suposto saber a partir do argumento onde o analista não pode representar um saber absoluto. Veremos, a partir daqui, que o SSS é o pivô da transferência.

Freud, desde 1885, percebe a transferência de uma forma periférica até ser cunhada com um caráter central na teoria da clínica e a funcionar como um dispositivo que revela o cerne das relações para além da relação analista/paciente até os trabalhos de 1914-1915, quando se coloca em sua forma final. Em *A interpretação dos sonhos*, Freud (1900) retoma o termo e o emprega com um sentido de deslocamento. E, com a ideia de que um conteúdo se desloca para um outro lugar dentro da relação analista x paciente, estabelece a transferência como conceito fundamental para se entender a relação no contexto da educação.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
Graziela Pires, Rogério de Andrade Barros

Freud (Ibid.) vai falar que, como nos sonhos, onde as figuras são produzidas e camufladas a partir dos resíduos diurnos para decodificar o desejo inconsciente, ele se manifesta na produção onírica através das representações. Como o resto diurno, a figura do analista pode ser vivida durante o processo analítico como um lugar onde o paciente irá transferir para o psicanalista sentimentos antes referenciados a mãe, pai, irmão, etc. Igualmente, podemos pensar o professor como esse resto diurno, emprestando ao inconsciente da criança/aluno algo que possa permitir se manifestar.

Em *Observações sobre o amor transferencial*, Freud (1915) traduz a transferência como composta de: “de repetição e cópias de reações anteriores, inclusive infantis” (p.217), característica primordial de todo estado amorosos. Se bem direcionada, a transferência serve como um instrumento suporte no caminho da cura. Na educação, se a transferência for identificada e utilizada pelo professor, ela pode funcionar como um modo de captar o interesse da criança para o ensinamento.

Lacan (1953-1954) pensa a transferência como laço afetivo instalado entre os protagonistas da relação, demonstrando que a forma como se organiza a subjetividade do paciente é direcionada por um elemento pulsional: objeto a. Lacan sinaliza, então, que a transferência nos mostra tanto a fixação do sujeito a algo do já vivido quanto da possibilidade de fazer algo novo.

A transferência é a lógica de transformar a situação atual, de proporcionar um deslocamento do sujeito das situações vividas anteriormente. Nesse sentido, “a transferência imita ao máximo o amor, chegando a se confundir com ele” (Lacan, 1960-61, p.45). A falta é o que direciona o amante ao amado, mesmo que este não tenha claramente o que ele deseja. Aqui, vemos que no amor cabe o território do engano.

Apesar de Freud não ter escrito diretamente sobre a transferência com relação a educação, no percurso da obra podemos encontrar pistas de como essa relação se mostra. No texto, *Algumas reflexões sobre a psicologia escolar*, (Freud, 1914) ao falar sobre si como estudante, Freud diz:

É difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas ou a personalidade de nossos mestres [...] esta segunda preocupação constituía umas 36 correntes ocultas e constante em todos nós e, para muitos, os caminhos das ciências passavam apenas através de nossos professores” (Freud, 1914, p. 248).

O próprio Freud nos fala que essa “corrente oculta” marcou seu amor pelo saber e tornou-se sua fonte de interesse pela ciência. O amor ao mestre é antes de qualquer coisa o amor ao saber.

Para entender a transferência no ambiente escolar, na relação professor x criança, precisamos o que Freud nos diz o desfecho do Édipo e o momento em que a criança se direciona para o mundo do lado de fora. É nessa hora que se dá a entrada na escola. Justo por isso, para se entender essa relação, Freud (1914) nos leva de novo as relações parentais.

Para Freud, no ambiente escolar, os professores passam a ser visto como:

Nossos pais substitutos. Foi por isso que, embora ainda bastante jovens, impressionaram-nos como tão maduros e tão inatingivelmente adultos. Transferimos para eles o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância e depois começamos a tratá-los como tratávamos nossos pais em casa. Confrontamos com a ambivalência que tínhamos adquirido em nossas próprias famílias, e,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
Graziela Pires, Rogério de Andrade Barros

ajudados por ela, lutamos como tínhamos o hábito de lutar com nossos pais em carne e osso (Freud, 1914, p. 249).

Para Tizio (2003) esse desejo, vinculado ao saber, supostamente vivido na pessoa do mestre, acessa o seu aluno não apenas pelo que fala ou se comporta, mas pelo que é. Não é possível ensinar se não houver transferência. O aluno deve, pois, supor ao professor um saber. A partir dessa suposição ou de sua ausência é onde o mestre se funda, ou não, como uma figura de autoridade. Na escola, se o professor não tem o seu saber suposto pelo aluno, não terá reconhecida a sua autoridade e tampouco conseguirá estabelecer o respeito e o limite, indispensáveis na relação educativa (Tizio, 2003). O aluno então, supõe um saber do professor sobre seu próprio desejo.

CONSIDERAÇÕES

“A criança é feita de cem” (Edwards, Gandini, Forman, 1999, p. 2). Esse foi o gancho da pesquisa: as cem possibilidades, as cem perguntas, as cem linguagens pela qual atravessamos a infância das crianças ao nosso redor, causando marcas e sendo a nós mesmos causados pelo tanto de possibilidades. Vivenciar isso num ambiente escolar, onde se pensa a educação numa proposta inspirada em Réggio Emilia, norteou a questão: É possível aprender livre da autoridade de um “suposto saber” culturalmente demarcado e defendido pelas pedagogias predominantes, saber este supostamente consolidado no lugar do mestre/professor? Há processos de construção de saber que se constituem sem a égide da autoridade?

Para elaborar essa reflexão à luz da psicanálise, foi essencial compreender o que Freud nos expõe acerca das tarefas impossíveis. Sob a ótica de Lacan, avançamos para as dinâmicas relacionadas aos discursos do mestre e do capitalista, considerando a transferência como a força motriz fundamental no processo de construção do conhecimento.

Pelos argumentos aqui discutidos, ressalta-se a importância para quem pesquisa educação ter no centro de sua observação o sujeito no laço social, aquele que deseja e se faz aparecer na interseção com o Outro da linguagem. Esta é uma já consolidada contribuição da reflexão psicanalítica à educação: as singularidades.

Foi possível observar, que a dinâmica que se propõe na contemporaneidade, mesmo no ensino infantil, subjuga a criança com currículos uniformizados, criando em série formas de pensar e agir. Logo, ouvir esse sujeito que entra na sala de aula com tantas metas a cumprir pode mostrar-se relevante. A partir daqui, para entender as entrelinhas se fez necessário esmiuçar o conceito de discurso e a forma como se organizam estes a partir dos laços que estabelecem.

Lembramos, com Lacan, que o mestre é castrado. Nesse caminhar vimos que, o ato de ensinar se dá no vazio. O professor, sujeito barrado, se configura como mestre, outorgado pela instituição e validado pela família para cumprir esse papel junto às crianças. É esperado do educador que ele elucide junto a criança o saber como fazer. Na atualidade, esbarramos com o discurso capitalista e a oferta de consumo e satisfação direta, atuando como se não existisse a castração. A posição de mais-de-gozar é garantida – correspondendo a mais-valia como fundamento do desejo



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
Graziela Pires, Rogério de Andrade Barros

que corresponde a todos. A psicanálise, a partir da produção de um saber sobre as coisas do amor, viabiliza uma resistência, amor este que se encontra isolado nesse discurso. A transferência se configura então como uma saída possível para o impossível do educar frente ao discurso capitalista.

Ocupar o lugar designado pelo aluno ao professor, pela transferência, é uma tarefa complexa, visto que o sentido ontológico se esvai para conceder lugar a outro sentido, que ele desconhece. O professor, bem como o psicanalista, é sujeito marcado por seu próprio desejo inconsciente. Aliás, é exatamente esse desejo que leva o professor ao discurso do mestre, que, neste jogo, precisará intercambiar de posições.

Só o desejo do professor justifica que ele esteja ali como mestre, e, estando ali, poder lidar com esse desejo por certos momentos. Quando o saber é simbolicamente investido, passa a desempenhar o papel de corte, separando díade entre professor e aluno. O docente que reluta em renunciar ao seu suposto poder fálico corre o risco de conter o aluno em seus próprios desejos, mantendo-o assujeitado de forma alienada a ele.

REFERÊNCIAS

- CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2014.
- CHARLOT, B. Desafios da educação na contemporaneidade: reflexões de um pesquisador - Entrevista com Bernard Charlot. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 36, spe, p. 133–143, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000400012>
- EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: A abordagem de Reggio Emilia na Educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial. *In*: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XII**. Rio de Janeiro: Imago, 1915/1988.
- FREUD, S. A dinâmica da transferência. *In*: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XII**. Rio de Janeiro: Imago, 1912/1996.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos. *In*: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IV**. Rio de Janeiro: Imago, 1900/2001.
- FREUD, S. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar (1914). *In*: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIII**. Rio de Janeiro: Imago, 1914/1996.
- FREUD, S. Análise fragmentária de uma histeria. *In*: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. VII**. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1988.
- FREUD, S. Análise terminável e interminável. *In*: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII**. Rio de Janeiro: Imago, 1937/1996.
- FREUD, S. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. *In*: FREUD, S. (1910/1970). **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XI**. Rio de Janeiro: Imago, 1910/1970.
- FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. *In*: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XI**. Rio de Janeiro: Imago, 1910/1996.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
 Graziela Pires, Rogério de Andrade Barros

FREUD, S. Luto e melancolia. *In:* FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XII.** Rio de Janeiro: Imago, 1915/1996.

FREUD, S. O caso de Schreber e artigos sobre técnica e outros trabalhos. *In:* FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XII.** Rio de Janeiro: Imago, 1915/1996.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. *In:* FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI.** Rio de Janeiro: Imago, 1930/1996.

FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial. *In:* FREUD, S. (1915/1988). **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XII.** Rio de Janeiro: Imago, 1915/1988.

FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial. *In:* FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIII.** Rio de Janeiro: Imago, 1915/1996.

FREUD, S. Organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. *In:* FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX.** Rio de Janeiro: Imago, 1923/1996.

FREUD, S. Prefácio à Juventude Desorientada de Aichhorn. *In:* FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX.** Rio de Janeiro: Imago, 1925/1996.

FREUD, S. Sobre as teorias sexuais infantis. *In:* FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XI.** Rio de Janeiro: Imago, 1908/1996.

FREUD, S. Três ensaios para uma teoria sexual. *In:* FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. VII.** Rio de Janeiro: Imago, 1905/1996.

KUPFER, M. C. M. **Freud e a educação:** O mestre do impossível. São Paulo: Editora Scipione, 2001.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder, (1958). *In:* LACAN, J. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1958/1998. p. 591-652.

LACAN, J. **Conférence à l'université de Milan:** Du discours sychanalytique. [S. l. : s. n.], 1972
<http://espace.freud.pagesperso-orange.fr/topos/psycha/psysem/italie.htm>

LACAN, J. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem. *In:* LACAN, J. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1953/1998.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. *In:* LACAN, J. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1958/1998. p. 96-103.

LACAN, J. **O seminário – livro I:** os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1953/1992.

LACAN, J. **O seminário, livro 11:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1992.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 17:** o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 6:** o desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1958/2016.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 8:** a transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1960/1992.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFERÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO SABER NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA
Graziela Pires, Rogério de Andrade Barros

LACAN, J. Televisão. In: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1974/2013. p. 508-543.

LAURENT, É. Présentation. **Revue Mental: Revue Internationale de Santé Mentale et Psychanalyse Appliquée**, Paris, Février, v. 20, p. 161-163, 2008.

MILLER, J. O escrito da fala. **Opção Lacaniana**, v. 3, n. 8, 2012.
http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_8/O_escrito_na_fala.pdf

TIZIO, H. Reinventar el vinculo educativo. In: TIZIO, H. (Org.). **Reinventar el vínculo educativo: aportaciones de la pedagogia social e del psicoanálisis**. Barcelona: Gedisa, 2003.